

O analfabetismo no Brasil e na Bahia

Liege Maria Sitya Formari*
 Maria Regina Filgueiras Antoniazzi**
 Maria Teresa de Lemos Vilaça***
 Luiz Felipe Perret Serpa****

Introdução

Os estudos sobre o analfabetismo no Brasil demonstram que este vem crescendo em valores absolutos, mesmo com o desenvolvimento industrial e consequente urbanização, quando a atividade produtiva estaria exigindo não só a alfabetização, mas também maior escolarização.

Haverá uma relação entre o econômico e números crescentes de analfabetismo? Como desvelar o espaço-tempo brasileiro e baiano, e compreender o analfabetismo em sua totalidade?

Este artigo, fruto de um estudo realizado num Seminário Curricular no Mestrado de Educação da UFBA em 1990, coordenado por um dos autores, propõe-se a esse desvelamento.

Tomou-se como referência o livro de FREIRE⁽¹⁾, que procura explicar o "mistério" do analfabetismo brasileiro através das interdições do corpo às manifestações nacionalistas. A autora estuda a história do analfabetismo.

Optou-se por um estudo que pensasse historicamente o analfabetismo, isto é, assumiu-se a história como substrato da análise e não como objeto ou método. Assim, considerou-se o analfabetismo imerso no espaço-tempo histórico⁽²⁾ brasileiro e baiano.

Tendo a historicidade⁽³⁾ como substrato da análise, o estudo privilegiou a relação escolaridade, enquanto indicador estatístico no espaço-tempo brasileiro, considerando a não escolaridade a partir da fonte IBGE dos cen-



Foto: Carlota Gottschall

sos no período 1950/80.

Utilizou-se o mapa temático como instrumento fundamental para desvelar o espaço-tempo brasileiro enquanto totalidade.

REVEL⁽⁴⁾, a respeito desse instrumento, ao analisar historicamente o conhecimento do território, no caso da França, afirma:

"Ao construir uma França da antropologia física, do analfabetismo, do crime, da riqueza, irão surgir vertiginosos jogos de espaço. O mapa torna-se com eles um in-

comparável instrumento heurístico. É bom para pensar. Mas este momento excepcional não iria durar muito. É para os números e para os quadros que irão, sem hesitar, as preferências do século XIX. A forma assim denominada, investida de potenciais simbólicos, tende a reduzir-se à evidência, ou seja a um quadro neutro. É valorizada mas, porque já não serve para esboçar problemas, é, paradoxalmente, indiferente. Permanece-lo-á durante muito tempo".

Retomou-se, para pensar historicamente o analfabetismo, o mapa temático e construiu-se mapas da América Latina, do Brasil por estados, da Bahia por microrregiões, e regiões das coordenadorias de educação, hoje SU-REC's. Nestes, privilegiou-se as regiões que expressassem momentos de importância econômica na formação da sociedade baiana.

Nos resultados, descreveu-se e explicou-se o significado dos diferentes níveis de espaço-tempo histórico brasileiro e baiano.

Para análise dos resultados utilizou-se quatro categorias: invariância, ordem generativa, o regional, e a correlação analfabetismo e economia.

Metodologia

Para compreender-se o analfabetismo no Brasil e na Bahia, utilizou-se o conceito de espaço-tempo histórico "compreendido como uma teia de relações contraditórias e de desenvolvimentos desiguais que o determinam"⁽⁵⁾. Assim, é através dessas contradições e desenvolvimentos desiguais de relações na totalidade do espaço-tempo brasileiro e baiano em diversos níveis, que procurou-se pensar no analfabetismo imerso nessa mesma totalidade. Pensá-lo historicamente significa, entre outras coisas, compreender suas variações no movimento das relações sociais no Brasil e na Bahia, com índice praticamente invariante no nordeste. Analisou-se também a correlação entre o analfabetismo e a economia.

Assim, tomou-se a relação escolaridade como indicador estatístico no espaço-tempo brasileiro, considerando-se a não escolaridade a partir da fonte IBGE⁽⁶⁾. No caso do Brasil e da Bahia foram trabalhados os dados dos censos do período 1950/80. Indicou-se os índices de analfabetismo de todos os Estados do Brasil e das microrregiões econômicas e

municípios que fazem parte das Superintendências Regionais de Educação: Salvador, Santo Amaro, Ilhéus, Juazeiro, Seabra e Barreiras. A escolha das microrregiões e municípios representativos deveu-se a sua importância quanto aos ciclos econômicos, sejam coloniais, como é o caso da cana-de-açúcar em Santo Amaro, no século XIX, como o café em Seabra, e contemporâneos, como a soja em Barreiras. Acrescentou-se a esse critério a significação político-administrativa como é o caso de Salvador, e os centros industriais como CIA, Aratu e Pólo Petroquímico de Camaçari que localizam-se na Região Metropolitana.

Em relação ao Brasil, como unidade, levantou-se dados (UNESCO) do país inserido na totalidade da América Latina.

A partir dos dados levantados — índices estatísticos do analfabetismo — na série de anos escolhidos, constituiu-se mapas e estes evidenciaram o movimento da escolaridade e não escolaridade imerso na totalidade das relações. Constituiu-se trinta e oito mapas, dos quais sete são usados neste artigo.

Para unificação dos dados dos censos do IBGE fez-se um exaustivo exercício, uma vez que esse órgão utiliza metodologias diferentes para cada censo. A uniformização deu-se em torno das faixas etárias de sete a quatorze anos e quinze anos e mais; abrange assim tanto o universo considerado próprio à escolarização, como considerado tardio. Para exemplificar, cita-se o censo de sessenta, que agrupa a população de cinco a nove anos e de dez a quatorze. Para obter-se a população de sete a quatorze anos, que interessa ao trabalho, calculou-se três quintos da população de cinco a nove anos.

Outra dificuldade foi com relação aos mapas. Foram visitados dez órgãos no intuito de se conseguir os mapas da Bahia por microrregiões na série de anos definida para o estudo. Encontrou-se no Centro de Estatística e Informações — CEI — o Atlas do Estado da Bahia⁽⁷⁾ que contém o trabalho que especifica o desdobramento dos municípios baianos nos períodos representados cartograficamente, assim permitindo a identificação dos municípios criados no decorrer do período 1950/70, não havendo informações entre 1970/80.

Há diversidade de anos quanto aos dados da América Latina, desde 1971 a 1985, e

Os estudos sobre o analfabetismo no Brasil demonstram que este vem crescendo em valores absolutos, mesmo com o desenvolvimento industrial e consequente urbanização, quando a atividade produtiva estaria exigindo não só a alfabetização, mas também maior escolarização.

referem-se a população analfabeta e fora da escola.

Resultados

Constatou-se no mapa I da América Latina países com índices de analfabetismo baixo. Jamaica e Cuba, por exemplo, encontram-se na faixa de 0 — 5%, México, Belize, Costa Rica, Guiana, Chile, Argentina e Uruguai entre 5 — 10%, Panamá, Colômbia, Suriname e Paraguai entre 10 — 15%, Peru, Equador, Venezuela e Guiana Francesa entre 15 — 20%. O Brasil destaca-se com um índice que varia entre 20% a 30%. Atrás do Brasil ficam a Bolívia, República Dominicana e El Salvador com 30% a 40%, e Guatemala, Honduras, Haiti e Nicarágua com índice acima de 40%. Note-se que o dado da UNESCO utilizado é anterior a revolução sandinista de 1979.

Observando-se os mapas do Brasil nos censos de 1950/60 e 70 na faixa etária de cinco anos e mais, percebe-se que as Regiões Norte, Nordeste e Centro Oeste permaneceram nessas três décadas com um índice de analfabetismo superior a 40%. Já as Regiões Sul e Sudoeste na década de 70 apresentam índices entre 20% e 30%, com exceção do Paraná e Espírito Santo que ficam entre 30% e 40%. Outra exceção é o Distrito Federal, que no censo de 1960 se diferencia dos outros Estados da Região Centro-Oeste com índice entre 30% e 40%.

Os mapas II e III de 1980, mostram uma diferenciação nas faixas etárias estudadas. As Regiões Norte e Nordeste, com relação a população de 7 a 14 anos, permaneceram com o índice de 1950, acima de 40% enquanto as Regiões Sul e Sudeste variam entre 10% a 15% e 20% a 30% respectivamente diminuindo o analfabetismo. A Região Centro-Oeste também reduz o índice, com exceção de Goiás, que mantém um índice de mais de 40%.

Já no mapa III de 1980, população de 15 anos e mais, percebe-se que na Região Norte o índice diminuiu em relação ao índice da população de 7 a 14 anos, o que demonstra que a alfabetização ocorre tardiamente. O mesmo ocorre na Região Centro-Oeste — Estado de Goiás. As regiões Sul e Sudeste não apresentam variações entre as duas faixas etárias, com exceção do Rio de Janeiro: população de 7 a 14 anos com índice entre 15% e 20%, e

15 anos e mais com índice entre 10% e 15%. Apenas a Região Nordeste mantém para as duas faixas etárias o mesmo índice de 1950, mais de 40% de analfabetos, o que significa que, nem tardiamente, a alfabetização está ocorrendo.

Os mapas IV e V da Bahia reafirmam a situação do Nordeste com exceção das Regiões Metropolitana e do Recôncavo que reduzem o analfabetismo, apresentando respectivamente índices entre 20% a 30% e 30% a 40%. O estudo também mostra que na década de 1980 na faixa etária de 7 a 14 anos a Região Metropolitana e Recôncavo apresentam um aumento da taxa de analfabetismo, que poderia ser explicado pela imigração do interior do Estado, e de outros Estados do Nordeste com crianças ainda sem escola. Já na faixa etária de 15 anos e mais percebe-se o contrário; essas regiões apresentam índices similares aos da Região Sul do país. Pode-se afirmar que a mesma imigração contribuiu no sentido contrário, porque as pessoas que migram com mais de 15 anos já vêm alfabetizadas.

Análise dos resultados

Esse estudo propõe-se a pensar o analfabetismo historicamente⁽⁸⁾ no Brasil e na Bahia, isto é, imerso no espaço-tempo histórico brasileiro, ao invés de estudar a História do analfabetismo.

Como afirma VILLAR⁽⁹⁾:

"Tudo pensar historicamente, eis aí o marxismo. Que seja ou não após isso tudo, um "historicismo", trata-se (como para o humanismo) de querela de palavras. Tenho desconfiança somente das negações apaixonadas. É importante saber, parece, que o objeto de O Capital não era a Inglaterra. Naturalmente, pois era o capital. Mas a pré-história do capital denomina-se Portugal, Espanha, Holanda. A história se pensa no espaço como no tempo".

Tomou-se como categorias de análise: invariância, ordem generativa, o regional e a correlação entre analfabetismo e economia.

As duas primeiras categorias são gerais e as outras duas surgem a partir dos mapas temáticos e expressam um conjunto de relações, definindo o espaço-tempo histórico brasileiro e baiano.

A invariância de uma relação é a sua per-

manência diante das transformações de toda a teia de relações espaço-tempo histórico, enquanto a ordem generativa estabelece a gênese da dinâmica da teia de relações que determina o espaço-tempo histórico.

A invariância resulta da permanência do analfabetismo com índices altos em face das transformações ocorridas na teia de relações que determina o espaço-tempo histórico.

Comparando-se os mapas IV e V do Estado da Bahia dos anos de 1950 e 1980 da população analfabeta de 15 anos e mais, constata-se que durante quarenta anos o índice é superior a 40%, portanto invariante. O mapa de 1980 sofre uma mudança nas Regiões Metropolitana de Salvador e Recôncavo, demonstrando que a relação analfabetismo é sensível a mudanças em face das transformações da teia de relações que determinam o espaço-tempo histórico oriundas da relação do poder político e da relação econômica industrial. Assim, é a natureza das relações transformadas nas teias que explica a redução do analfabetismo nessas regiões. A Região Metropolitana e o Recôncavo, no mapa de 1980, apresentam índices semelhantes ao sul da Bahia. Por que a invariância do analfabetismo nas demais regiões do Estado?

Em princípio, é o fato das transformações das relações político-administrativa e econômico-industrial não terem presença significativa na teia de relações no espaço-tempo histórico do Estado da Bahia, com exceção das duas regiões consideradas.

Por outro lado, essa invariância liga-se a ordem generativa da formação histórica da sociedade brasileira⁽¹⁰⁾, onde a estratégia de colonização portuguesa foi essencialmente extensiva e rural, propiciando condições que não exigiram a universalização da escola, diferentemente da estratégia de colonização espanhola, que por encontrar Estados organizados no Novo Mundo, teve necessidade de implantar uma colonização intensiva e urbana, com a consequente formação de sociedades localizadas e autônomas, implicando a necessidade da universalização da escola.

Essas características mostram que os diferentes ciclos econômicos (cana-de-açúcar, cacau, café, soja, mineração) e a construção da barragem, não foram suficientes para transformar os índices de analfabetismo nas diferentes regiões do Estado da Bahia.

As diferentes regiões do Brasil, mapas II e III, ratificam o comportamento da relação analfabetismo em relação à teia de relações do espaço-tempo histórico brasileiro comparativamente ao comportamento da relação analfabetismo na teia de relações do espaço-tempo histórico do Estado da Bahia. Há uma invariância da relação na Região Nordeste (região de origem colonial) e transformações nas outras regiões a partir de transformações da teia de relações do espaço-tempo histórico onde são predominantes as relações de poder político-administrativo e econômico-industrial. Contribuiu para esse fato, a própria ordem generativa da formação social brasileira ao longo do processo histórico, que privilegiou a industrialização, a urbanização e a introdução do capitalismo no campo, inicialmente nas Regiões Sul e Sudeste, esta última centro do poder político-administrativo e, mais recentemente, dirigindo-se para as Regiões Centro-Oeste e Norte, o que se pode notar pela variação da relação analfabetismo nos mapas temáticos mais recentes.

Nos resultados dos mapas temáticos da América Latina verificou-se a força da ordem generativa, ou seja, o processo histórico da formação social de cada sociedade, como determinante dos resultados.

Um indicador da ordem generativa é dado pelo fato da sociedade ser oriunda de uma matriz da reforma religiosa ou da contra-reforma. O outro indicador, mais importante, baseia-se nas diferentes estratégias de colonização espanhola e portuguesa, respectivamente intensiva e urbana uma, e extensiva e rural, a outra. Países comparáveis ao Brasil, como Argentina e México, estão com índices que praticamente significam a universalização da escola. Por outro lado, pequenos países como Jamaica e Suriname, protestantes, possuem os mesmos índices dos países citados anteriormente.

Chama-se atenção para países que fizeram uma revolução socialista; Cuba e Nicarágua conseguiram universalizar a escola, o que confirma que transformações radicais na teia de relações do espaço-tempo histórico de natureza do poder político e da forma de organização da sociedade, também são geradores da universalização da escola.

Com esta interpretação, pretendemos rever o conceito de *regional*. O regional é um

Chama-se atenção para países que fizeram uma revolução socialista; Cuba e Nicarágua conseguiram universalizar a escola.

território político-administrativo ou mesmo uma cultura determinada?

Nosso estudo indica que o regional sob o ponto de vista mais fundamental, deve ser entendido como a teia de relações que determina o espaço-tempo histórico. No nosso caso, por exemplo, o Rio Grande do Sul está mais próximo de um país da América Espanhola na relação analfabetismo do que da Bahia. E na Bahia, Salvador está mais próxima do Rio Grande do Sul do que de Seabra. É através da teia de relações do espaço-tempo histórico onde a relação analfabetismo está imersa que se pode pensar em regionalismo, isto é, em padrões de totalidade; são os desenvolvimentos desiguais das relações que determinam a questão regional.

Por último, fica claro a correlação existente entre a relação analfabetismo e a relação econômico-industrial; na verdade, os mapas II e VI do Brasil apresentam não só a determinação do espaço-tempo brasileiro quanto à relação analfabetismo, mas também a ordem generativa da formação social brasileira, bem como os recentes processos de migração e urbanização, associados a expansão do capitalismo no campo. Nesse sentido, a Região Nordeste é anacrônica. (mapas VI, II e III).

Dois observações de natureza teórica da ciência contemporânea são verificadas em nosso estudo. A primeira, referente a reiteração dos resultados nos mapas temáticos, isto é, o mapa IV da Bahia reproduz o mapa VI do Brasil, enquanto o mapa VII da Região Metropolitana de Salvador reproduz o mapa da Bahia. Assim, uma característica da teoria do caos aparece em nosso estudo: o todo se reproduz na parte. A segunda, referente à condição que a relação estudada expressa a teia de relações do espaço-tempo histórico, pois no caso do mapa III temático do Brasil, a relação analfabetismo expressa outras relações como a ordem generativa da formação social brasileira, os fluxos migratórios, a expansão do capitalismo e a urbanização.

Conclusão

* **Liege Maria Sitya Formari:** Mestranda em Educação

** **Maria Regina Filgueiras Antoniazzi:** Mestranda em Educação

*** **Maria Teresa de Lemos Vilaça:** Mestranda em Educação

**** **Luiz Felipe Perret Serpa:** Prof. Adjunto — FAGED/UFBA

(participou do levantamento dos dados do estudo o mestrando Antônio Jorge Sena dos Anjos)

A conclusão mais importante de nosso estudo é que a relação analfabetismo expressa uma totalidade da teia de relações do espaço-tempo histórico. Assim, o analfabetismo só poderá ser superado pelas seguintes razões:

- a) porque a teia de relações expressa uma ordem generativa que aponta na direção da universalização da escola. (Caso México, Jamaica, Argentina);
- b) porque a teia de relações determinante do espaço-tempo histórico tem predominância da relação do poder político-administrativo (caso do Rio de Janeiro e Brasília);
- c) porque a teia de relações determinante do espaço-tempo histórico tem predominância de transformações da relação econômico-industrial ou capitalista em geral (caso das Regiões Sul e Sudeste);
- d) porque houve uma radical transformação na teia de relações que determina o espaço-tempo histórico (caso de Cuba e Nicarágua).

Notas

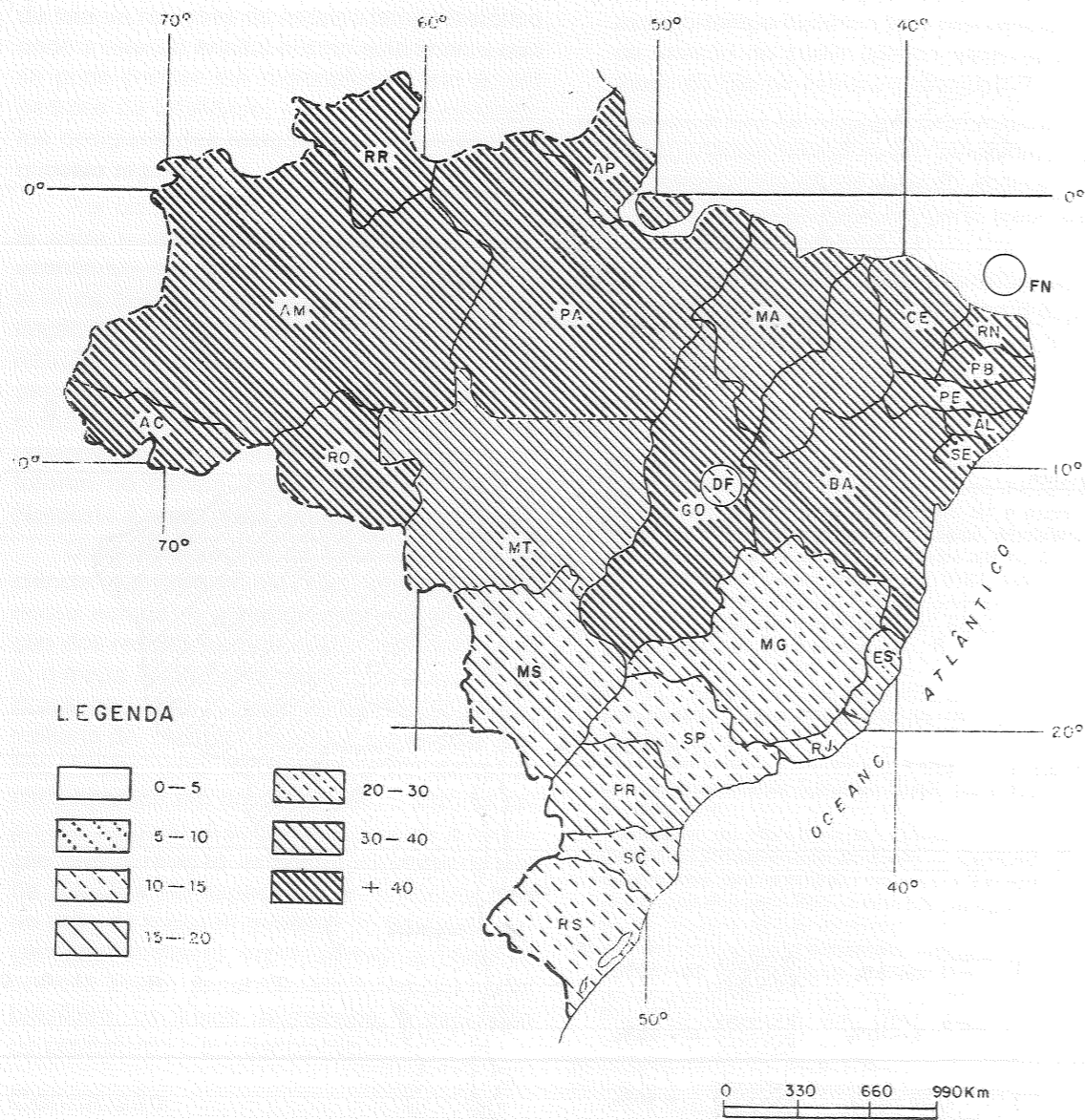
- (1) FREIRE, Ana Maria de Aragão. *Analfabetismo no Brasil: da ideologia da interdição do corpo à ideologia nacionalista, ou de como deixar sem ler e escrever desde as Catarinas (Paraguaçu), Filipas, Madalenas, Anas, Genebras, Apolônias, e Grácias até os Severinos*. São Paulo: Cortez. Brasília DF: INEP, 1989.
- (2) Cf. SERPA, Luiz Felipe. O Espaço-tempo Histórico. IN: _____ *"Ciência e Historicidade"*. Edição do Autor. Multipress, 1991, pp. 43-53.
- (3) _____. Op. cit. p. 45.
- (4) REVEL, Jaques. *"A Invenção da Sociedade"*. Memória e Sociedade. Lisboa, Difel, 1989, pp. 157-158.
- (5) SERPA, Op. cit.
- (6) Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Recenseamento Geral do Brasil. Série Regional. V. I Tomo VIII.
- (7) Secretaria do Planejamento, Ciência e Tecnologia. Centro de Planejamento da Bahia — CEPLAB. Desdobramento dos municípios Baianos e Especificação dos Quatro Períodos Representados Cartograficamente. IN: *"Atlas do Estado da Bahia"*.
- (8) VILLAR, Pierre. História marxista, história em construção IN: Le GOFF, Jaques e NORA Pierre. *"História: novos problemas"*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves: Ed. S.A. (Trad. Theo Santiago), 1988.
- (9) VILLAR, Pierre. Op. cit. p. 178.
- (10) SERPA, L.F.P., Bahia Análise & Dados, Salvador, v. I, nº 4, p.58/60, Salvador, março de 1992.

ANALFABETISMO NA AMÉRICA LATINA



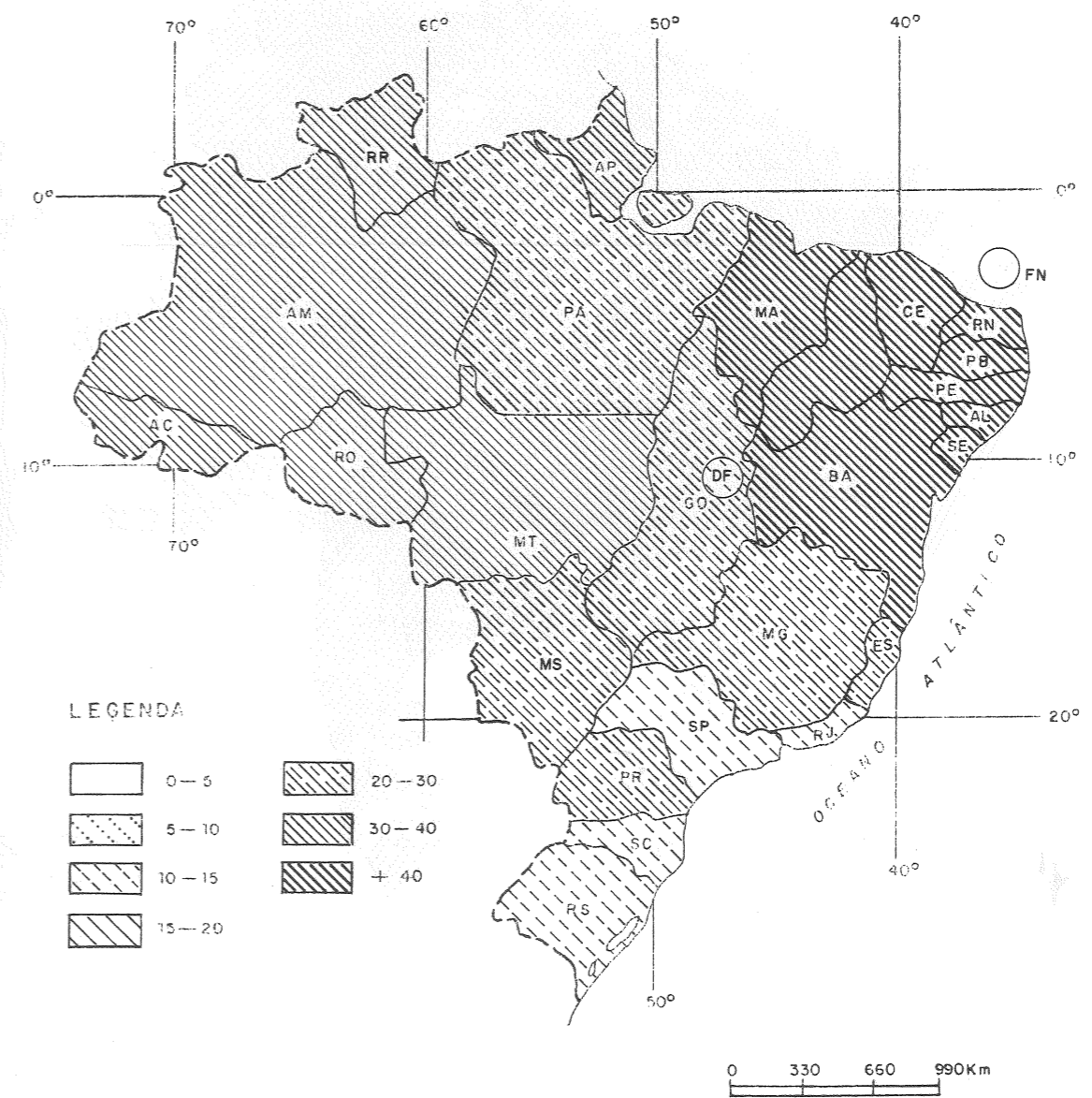
ANALFABETISMO NO BRASIL

ANO: 1980 - IDADE: 7 a 14 anos



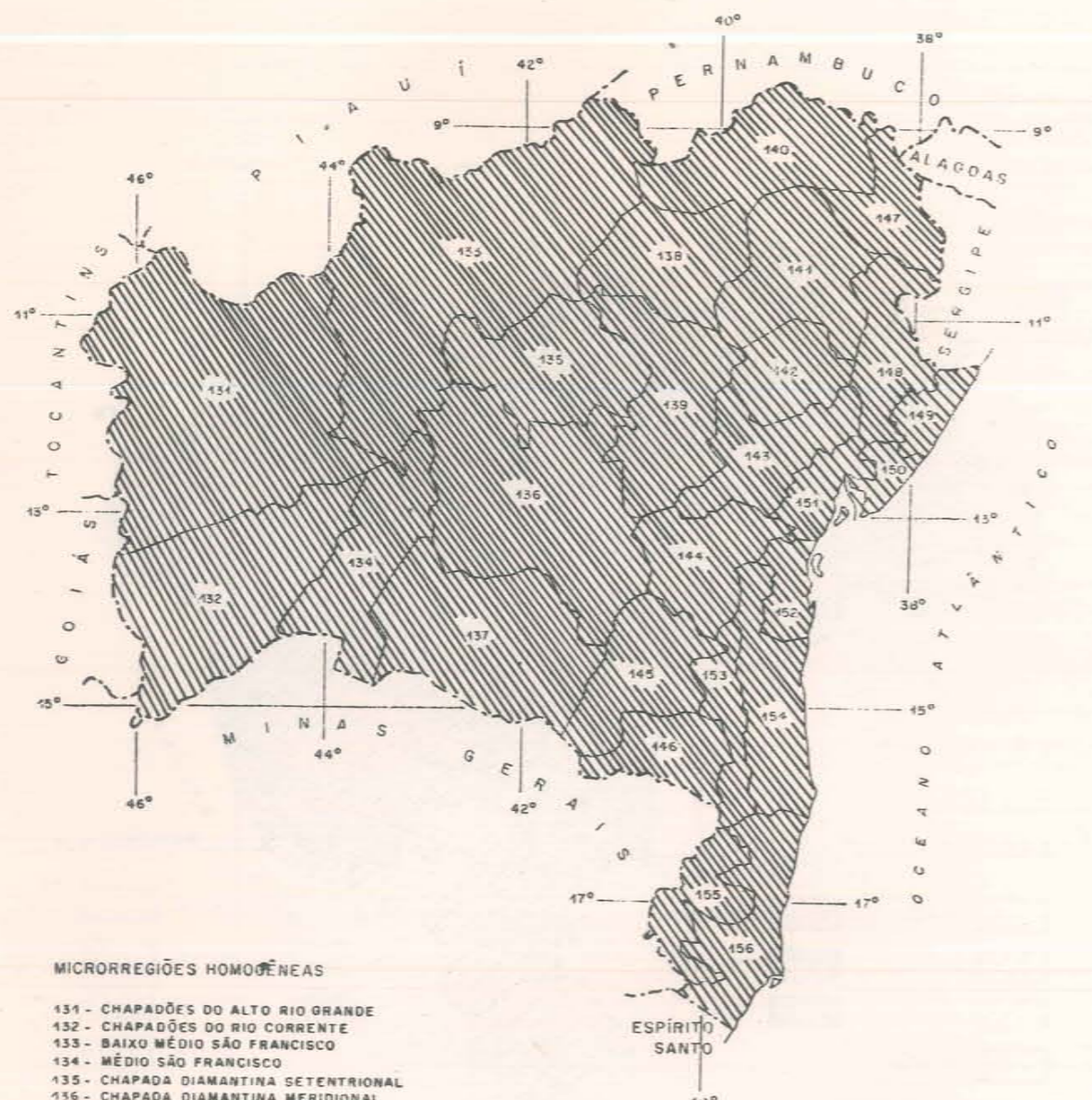
ANALFABETISMO NO BRASIL

ANO: 1980 - IDADE: 15 anos e mais



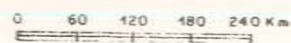
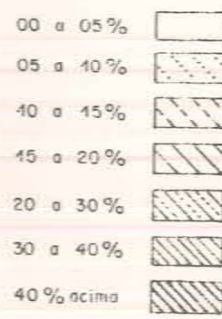
ANALFABETISMO NA BAHIA

ANO: 1950 - IDADE: 15 anos e mais



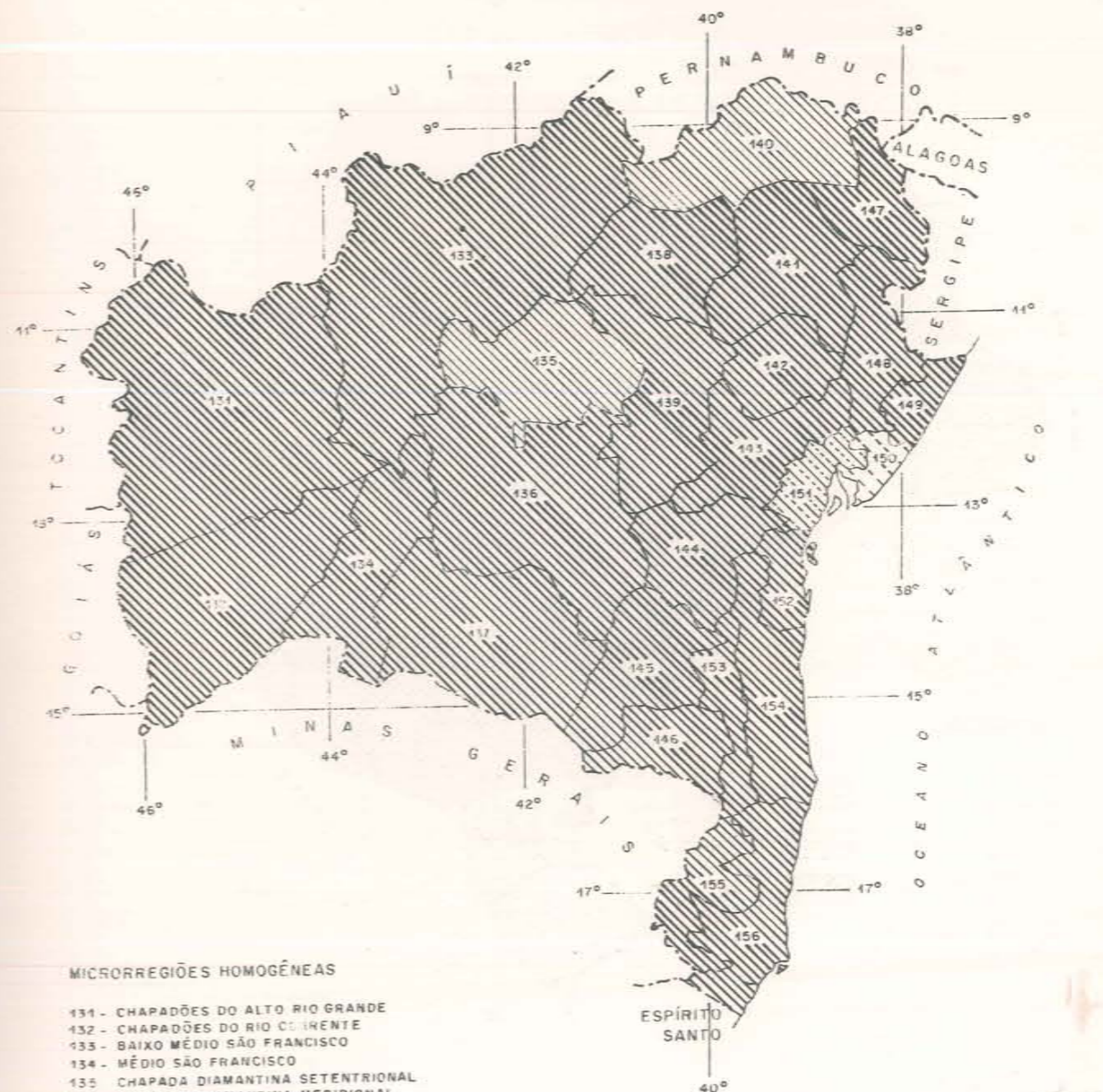
MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS

- 131 - CHAPADÕES DO ALTO RIO GRANDE
- 132 - CHAPADÕES DO RIO CORRENTE
- 133 - BAIXO MÉDIO SÃO FRANCISCO
- 134 - MÉDIO SÃO FRANCISCO
- 135 - CHAPADA DIAMANTINA SETENTRIONAL
- 136 - CHAPADA DIAMANTINA MERIDIONAL
- 137 - SERRA GERAL DA BAHIA
- 138 - SENHOR DO BONFIM
- 139 - PIEMONTE DA DIAMANTINA
- 140 - CORREDEIRAS DO RIO SÃO FRANCISCO
- 141 - SERTÃO DE CANUDOS
- 142 - SERRINHA
- 143 - FEIRA DE SANTANA
- 144 - JEQUIÉ
- 145 - PLANALTO DE CONQUISTA
- 146 - PASTORIL DE ITAPETINGA
- 147 - SERTÃO DE PAULO AFONSO
- 148 - AGRESTE DE ALAGOINHAS
- 149 - LITORAL NORTE BAIANO
- 150 - SALVADOR
- 151 - RECÔNCAVO BAIANO
- 152 - TABULEIROS DE VALENÇA
- 153 - ENCOSTA DO PLANALTO DE CONQUISTA
- 154 - CACAUEIRA
- 155 - INTERIORANA DO EXTREMO SUL DA BAHIA
- 156 - LITORÂNEA DO EXTREMO SUL DA BAHIA



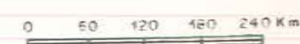
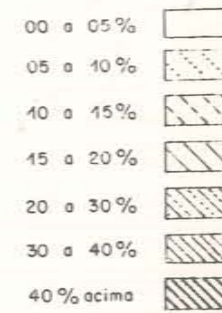
ANALFABETISMO NA BAHIA

ANO: 1980 - IDADE: 15 anos e mais



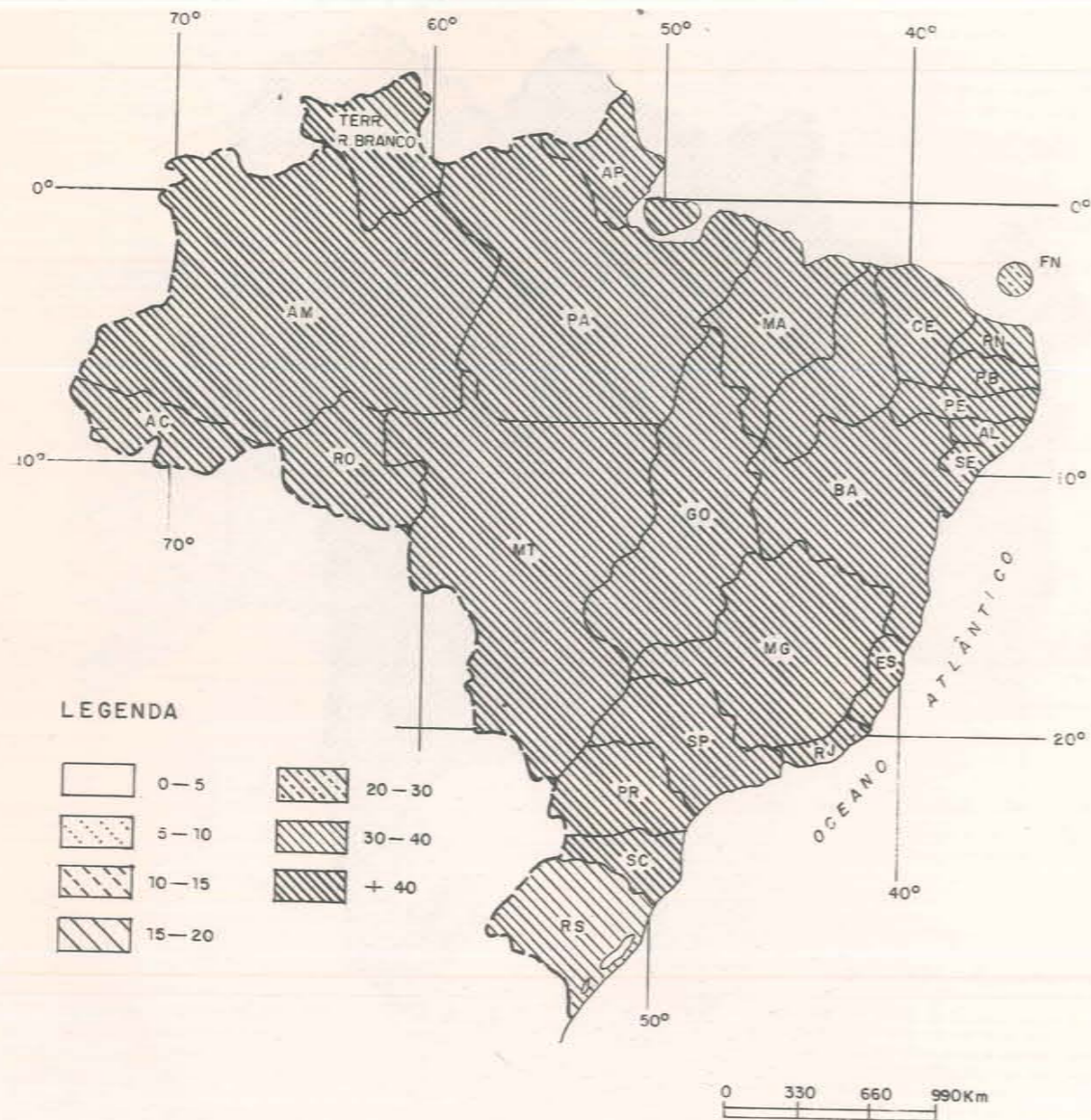
MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS

- 131 - CHAPADÕES DO ALTO RIO GRANDE
- 132 - CHAPADÕES DO RIO CORRENTE
- 133 - BAIXO MÉDIO SÃO FRANCISCO
- 134 - MÉDIO SÃO FRANCISCO
- 135 - CHAPADA DIAMANTINA SETENTRIONAL
- 136 - CHAPADA DIAMANTINA MERIDIONAL
- 137 - SERRA GERAL DA BAHIA
- 138 - SENHOR DO BONFIM
- 139 - PIEMONTE DA DIAMANTINA
- 140 - CORREDEIRAS DO RIO SÃO FRANCISCO
- 141 - SERTÃO DE CANUDOS
- 142 - SERRINHA
- 143 - FEIRA DE SANTANA
- 144 - JEQUIÉ
- 145 - PLANALTO DE CONQUISTA
- 146 - PASTORIL DE ITAPETINGA
- 147 - SERTÃO DE PAULO AFONSO
- 148 - AGRESTE DE ALAGOINHAS
- 149 - LITORAL NORTE BAIANO
- 150 - SALVADOR
- 151 - RECÔNCAVO BAIANO
- 152 - TABULEIROS DE VALENÇA
- 153 - ENCOSTA DO PLANALTO DE CONQUISTA
- 154 - CACAUEIRA
- 155 - INTERIORANA DO EXTREMO SUL DA BAHIA
- 156 - LITORÂNEA DO EXTREMO SUL DA BAHIA



ANALFABETISMO NO BRASIL

ANO: 1950 - IDADE: 5 anos e mais



ANALFABETISMO NA BAHIA

Zonas Fisiográficas

REGIÃO METROPOLITANA DE SALVADOR

SUREC: 01

ANO: 1980 IDADE: 15 Anos e mais

